

# **Índios fazem teologia**

## **Primeiro Encontro Latino-Americano de Teologia Indígena**

### **Cidade do México, 17 a 23/09/90**

*Bartolomeu Giaccaria S.D.B.*

De 17 a 23 de setembro realizou-se na Cidade do México o Encontro de trabalho sobre teologia indígena. Foi a primeira tentativa de sistematização do que se vem fazendo nesse campo: procurar caminhos novos para uma teologia diferente que responda aos anseios e às necessidades dos vários povos indígenas da América Latina.

Os participantes vinham de toda a América do Sul: o Cone Sul, representado pelo Chile, Paraguai e Brasil; a Região Andina, com Peru, Bolívia e Equador; a Região do Caribe: Venezuela, Colômbia e Panamá e todos os países centro-americanos; a região dos povos Maia e Asteca: México.

O Encontro foi muito proveitoso por sua grande representatividade. Do Brasil estavam presentes o Pe. Paulo Suess, que era um dos relatores, o Pe. Bartolomeu Giaccaria e o índio Jonas Xavante.

A abertura do Encontro foi na Basílica de Guadalupe. Foi muito solene, com vários ritos indígenas andinos e mexicanos. Dessa celebração recebeu-se a inspiração para o trabalho, porque o Santuário de Guadalupe é o centro onde, por séculos, os índios buscaram inspiração para preservar em seu ideal e sua fé.

A primeira explanação esteve a cargo do Pe. Clodomiro, que expôs a finalidade do Encontro: procurar caminhos para uma teologia indígena. É óbvio que uma novidade tão grande suscita questões:

— É possível uma teologia indígena?

— É possível uma teologia cristã indígena?

— É possível uma teologia completamente indígena?

Refletiu-se, antes de mais nada, sobre o conceito de teologia. Teologia é a procura de Deus na própria cultura: ver como Deus agiu e se revelou em cada cultura. Portanto, teoricamente, há possibilidade de haver uma teologia indígena. Essa teologia os povos a vivem, naturalmente, antes de se fazer teologia. Teologia não é especulação. Antes de tudo, teologia é *vida*. E o teólogo que não tivesse fé não poderia fazer uma verdadeira teologia. Ele faria uma pesquisa, um trabalho histórico, mas não um verdadeiro trabalho teológico. Para fazer teologia é preciso viver a fé.

Daqui se originam vários *problemas*:

Nós, brancos, que vivemos fora do ambiente indígena, não estamos em condições de fazer uma teologia verdadeiramente indígena.

Os povos indígenas do México, da América Central, dos Andes, do Chile, já há 500 anos, vivem sob influência cristã. Poderão agora esquecer toda essa influência e fazer uma teologia exclusivamente indígena? (Pois muitos elementos cristãos já foram, mais ou menos, englobados e absorvidos por essas culturas, porque cultura é vida.)

Daqui decorre a necessidade de buscar a relação entre Evangelho-evangelização e cultura.

Recordando a história dos povos indígenas, percebemos que nem sempre foi respeitada sua cultura. A evangelização primeira não a levou em conta. Muito dessas culturas foi destruído, proibido, condenado, sem ser conhecido. Isso, naturalmente, provocou nos índios uma reação de defesa. Assim, encontramos em muitos povos elementos cristãos exteriores encobrindo elementos indígenas. A teologia, a vida, o Deus vivo se revela num povo e esse povo quer sobreviver como tal. Em consequência, procura preservar o que tem de melhor em si e esse melhor de si é a sua manifestação religiosa. Ora, o religioso permeia toda a vida. Não simplesmente as manifestações propriamente religiosas, mas toda a vida: a vida cultural, a vida social, o trabalho e todas as demais manifestações culturais. Muitos elementos cristãos que nós encontramos nas expressões dos vários povos indígenas na verdade encobrem as manifestações que são próprias desses povos. Evidentemente, é necessário procurar despir essas manifestações culturais de seus elementos exteriores, para descobrir a origem, a raiz, o que está por baixo. Há índios padres, bispos etc... formados em seminários comuns, fora do contato com seu povo. Tiveram uma formação ocidental, européia; porém, dentro de si, se sentem índios. Com isso se cria um conflito em seu interior. Foi o que eles mesmos testemunharam nas suas intervenções durante o Encontro. Aliás, é natural que haja esse conflito entre a evangelização e as culturas, porém se deve chegar a uma síntese, senão se levará à marginalização das pessoas implicadas. Se se fizer a síntese, a cultura adquirirá novos aspectos, sem deixar de ser ela mesma. Daí a necessidade de uma nova teologia,

uma teologia que leve em conta todos esses elementos, para poder, depois, explicitar-se e chegar a uma síntese verdadeira que descubra a presença e a revelação de Deus nas várias culturas e assim complete o conhecimento que temos de Deus. Nesse caso, a Bíblia não será destruidora das culturas, mas elemento de enriquecimento para todas elas.

A Bíblia e o Evangelho não substituem a cultura nem introduzem uma nova cultura, mas enriquecem o conhecimento de Deus que as várias nações já tinham. Assim irá surgindo uma cultura com aspectos novos. Essa nova teologia tem suas raízes e se desenvolve numa Igreja autóctone, não separada de Roma, mas com "cara de índio", com rosto indígena. Essa Igreja seria uma Igreja que corresponde às necessidades dos índios, que sabe reconhecê-las, que entende os índios e os leva a viver o Evangelho na própria cultura, no próprio ambiente, do modo que eles entendem. Naturalmente, haveria necessidade de refletir sobre o conceito de catolicidade da Igreja: catolicidade não quer dizer uniformidade, mas significa que a Igreja se adapta e pode ajudar todos os povos a viver.

Dessas reflexões surgiram várias *perguntas*:

— Qual é o correspondente índio da teologia?

— Que atitude pastoral, catequética, assumimos no tocante a essa nova teologia?

— De onde parte, prevalentemente, essa experiência de teologia?

Trata-se de outro modo de fazer teologia — teologia como experiência, como vivência. E, naturalmente, quem pode mesmo fazer tal teologia são os próprios índios: sacerdotes, bispos, teólogos. Haveria todo um caminho a ser trilhado da parte do índio, partindo dos elementos da teologia, do conhecimento de Deus oriundo da própria cultura; passando depois pelos conhecimentos provenientes da influência cristã que tiveram. Assim brotaria uma teologia indígena. Posteriormente derivaria daí um novo modo de evangelizar, sobre o qual ainda não se têm idéias bem claras. Trata-se de uma caminhada — ainda uma busca — que todos os povos estão levando adiante.

O Verbo, o Filho de Deus, trouxe uma boa nova que, para ser realmente a Boa Nova, tem de dar resposta aos problemas concretos, aos anseios do momento histórico e cultural que cada povo está vivendo. Se o povo, por exemplo, está oprimido, está com fome, está sendo exterminado, a Boa Nova deve dar uma resposta aos anseios do povo frente a esses desafios.

O Evangelho tem de se inserir nos elementos da cultura. A teologia se esforça para que o povo indígena tenha um espaço na Igreja e na sociedade.

Depois desses debates, discutiu-se ainda sobre o conceito tradicional de teologia, as dificuldades de conciliar a teologia tradicional com uma teologia indígena (ou com a cultura indígena, porque a teologia indígena ainda não está bem estruturada). Fazer teologia não significa ficar à mesa escrevendo leis e dogmas. Teologia é vida. Quem tem fé pode ser teólogo e pode viver essa

teologia, tem mesmo de vivê-la, antes de explicitá-la. Os documentos do Magistério, depois do Vaticano II, Medellín e Puebla, mostram maior abertura às culturas, abertura muito maior do que se chegou a traduzir em prática durante todos esses anos. Entretanto, o problema é que a essa abertura teórica correspondeu, de outro lado, um fechamento prático.

A apresentação do *Pe. Suess* suscitou muitos comentários e ampla discussão entre os presentes. Foi posta a questão:

— A evangelização, nesses 500 anos, foi libertadora para os povos indígenas, ou foi motivo de opressão?

É preciso distinguir bem. Houve profetas, verdadeiros pioneiros, contra toda a mentalidade do seu tempo. E não podemos exigir que tivessem a mentalidade dos nossos tempos, com todos os progressos, todas as discussões que já houve.

Houve outros que não souberam distinguir entre sua cultura européia e o Evangelho. Confundiram entre trazer o Evangelho e impor a própria cultura. Nesse sentido, foram opressores, destruidores. Contra essa atitude, os povos dominados encontraram seus meios de resistência. Porém, isto trouxe muita marginalização, muita sujeição da parte dos índios, que se sentem ainda hoje marginalizados e diminuídos. Agora é preciso rever tudo isso e reparar o estrago que foi feito. Estrago que não foi a Bíblia, nem o Evangelho que introduziram, mas uma interpretação errada de homens demasiado ligados ao poder, à conquista, à colonização. O etnocentrismo e uma idéia errada de cristandade prejudicou a primeira evangelização que pretendia conquistar tudo para Cristo, numa má interpretação das palavras do Evangelho: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”.

Nesse ponto, surgiram discussões sobre a celebração dos 500 anos. O quinto centenário merece ser celebrado? Para muitos dos índios esses 500 anos são de luta pela sobrevivência, contra a opressão e a marginalização.

Ótima foi a exposição do *Pe. Raiban*, sacerdote Kuna do Panamá. Tendo-se formado num seminário comum, quando voltou para seu povo, percebeu que havia perdido suas raízes. Ele o sentia por dentro, mas percebia também todo o peso da formação recebida. Submeteu-se então a todo um trabalho de recuperação de sua cultura original: foi aos velhos, aos sábios de seu povo e, em vez de mestre, tornou-se aluno. Começou a instruir-se com os sábios sobre as explicações que eles davam do mundo e da vida. Foi assim assimilando a sabedoria indígena do seu povo e está procurando viver e levar adiante tudo o que aprendeu. Fez uma boa apresentação sobre o conceito de Deus e as explicações que estes sábios davam. Deus está por cima de tudo, criou os vários povos e nos vários povos se manifesta. Cada povo conhece Deus a seu modo.

Quando os povos têm contato entre si, se conhecem, eles enriquecem o conhecimento que têm de Deus, porque Deus não está revelado totalmente em

todos os povos. Quanto mais os povos se conhecem entre si, mais vai aumentando neles o conhecimento de Deus. Por isso não se pode destruir uma cultura, outro povo. Quem despreza a cultura de outro povo está matando a Deus, matando aquele aspecto de Deus que se manifestou e está presente naquele povo.

Seguiu-se a *discussão*:

— Se Jesus Cristo é Deus, ele já pertence a todos os povos. Mas ele nasceu historicamente num lugar, num povo. Como então pensar a Cristo nesta teologia?

Ele é Deus; se é Deus já pertence a todos os povos — logo, todos os povos têm o direito de conhecer a Jesus e receber sua mensagem e sua palavra. Transmitindo o Evangelho de Cristo, levando Cristo às várias culturas, não se destrói a cultura, mas se enriquece. Ajuda-se a conhecer melhor a Deus. Assim como o mensageiro cristão também tem o dever de se enriquecer, conhecendo a outra cultura. O problema é que nós, muitas vezes, queremos levar o Evangelho para os outros, mas não nos deixamos evangelizar pelas outras culturas. Não sabemos receber o Deus que está presente nas várias culturas.

A conclusão desta apresentação foi: se um povo mata outro povo, está privando toda a humanidade de uma parcela do conhecimento de Deus. Ninguém tem a propriedade exclusiva de Deus. É preciso conhecer todos os outros, para conhecer a globalidade de Deus. Há males em todos os povos que ofuscam a visão de Deus. Nenhuma cultura é perfeita, nenhuma religião é perfeita. Existe também a “má nova” que tem de ser corrigida e purificada pela “boa nova”.

O pensamento indígena é mítico, diferente do nosso pensamento lógico, racionalista. A lógica mítica avança muito mais rapidamente no conhecimento de Deus e no ecumenismo. Eis outro problema que apareceu neste Encontro, porque estavam também presentes protestantes: luteranos, batistas e outros. Temos a obrigação de reencontrar o rosto indígena dos antepassados, que formaram o povo, para podermos ver melhor o rosto de Deus e, assim, enriquecer a globalidade.

O mal está em pretender açambarcar a Deus, em querer excluir os outros do conhecimento de Deus. Está no egoísmo, em não ser generoso.

A partir daí surge a pergunta:

— Quais são os critérios e as condições para um encontro fecundo entre as teologias dos povos e a teologia cristã?

Naturalmente, quando falamos em teologia indígena, não falamos de *uma* teologia. Cada povo tem de desenvolver sua teologia própria, porque cada povo tem sua visão de Deus, sua vivência particular de Deus, sua experiência de como encontrar a Deus na vida, de forma diferente dos outros povos. Então não

se pode falar de uma teologia indígena em geral, mas de teologias indígenas, no plural. Naturalmente tais teologias indígenas têm depois de descobrir um caminho para se encontrar com a teologia cristã; e a teologia cristã tem de conhecer e respeitar os elementos que existem em cada povo, que cada povo já conseguiu ver, a parte da revelação de Deus nesse povo, para saber enriquecer essas culturas com a revelação de Cristo e tornar Cristo presente nessas culturas. Cristo, Filho de Deus, tem o direito de estar presente em todas as culturas.

Na metade do Encontro — 3º dia — reservou-se um dia para o *relato de experiências*. Naturalmente, não havia tempo para todos. Optou-se, pois, pela apresentação de uma experiência por região representada no Encontro: Cone Sul, Região Andina, Caribe, Centro-América e México. Para o Cone Sul foi escolhida a experiência do trabalho entre os Xavante. Essa experiência foi apresentada com certo constrangimento diante daquelas mais de noventa pessoas, que estavam ali para julgar, criticar, ver os defeitos, as contradições. Porém não houve grandes constestações; o que houve foram muitas perguntas de esclarecimento e agrado geral com relação à experiência. Foi uma das experiências mais apreciadas por ter sua originalidade em comparação com as demais. O Xavante é um povo que ainda conserva intactas suas tradições, por não ter sido ainda muito influenciado pelo cristianismo; daí a possibilidade de uma teologia indígena bem mais original, de uma caminhada um pouco diferente da dos outros povos. Depois apresentaram-se vídeos sobre a celebração da Páscoa entre os Xavante e sobre o rito de iniciação dos Xavante.

As problemáticas dos diversos países são diferentes. No México, por exemplo, onde há 52 etnias com trinta milhões de índios, o problema da terra e o problema cultura são bem diferentes dos mesmos problemas aqui no Brasil. Lá os índios conseguiram, devido a serem numerosos, defender-se e preservar a própria cultura, enquanto aqui os Xavante — como os demais povos indígenas — são continuamente agredidos pela cultura envolvente, que tende a assimilá-los e fazê-los desaparecer. Sendo numericamente poucos, sentem-se como que diminuídos, inferiorizados diante da grande quantidade de estímulos e propostas da população envolvente.

Depois da apresentação das experiências, voltou-se a discutir sobre a teologia indígena frente à teologia cristã.

Foi apresentada a *posição dos documentos da Igreja* em seus aspectos de abertura. Encontram-se aí possibilidades para uma teologia indígena. Na prática, no entanto, nem sempre essa abertura é aceita pelas autoridades, pelo Magistério. Depende, pois, de nós fazer um trabalho de base quase como em surdina, para virmos depois a explicar, a dar as razões de todo esse trabalho, baseando-nos nos mesmos documentos da Igreja.

O último dia foi reservado para as conclusões que foram estudadas em grupos, discutidas em plenário e, por fim, apresentadas à assembléia.

## **Conclusões e consensos**

### ***I. Sujeito da teologia indígena***

1. O sujeito da teologia indígena é a *comunidade indígena*, enraizada na terra de onde surgem e crescem seus ritos e mitos.

2. Essa comunidade vive a experiência de *Deus Pai e Mãe* na sua caminhada, reflete sobre ela juntamente com os seus sábios e sábias — intérpretes legítimos de suas crenças — e a expressa e celebra na sua vida cotidiana e nos seus ritos.

3. Esta comunidade é *consciente* da sua identidade, dos seus valores, de ter um projeto de vida, uma Revelação e Religião próprias, e luta na sua caminhada histórica de 500 anos de resistência à opressão — junto com outros irmãos — pela sua *libertação*, para ter *vida em abundância*.

4. A sistematização desta *experiência teológica* compete aos membros da mesma comunidade e àquelas pessoas que, nela inseridas, sintonizam com seus projetos.

### ***II. A cultura***

Trabalhamos nossa *cultura*, como o fazemos com a *terra*:

1. Nós a *lavramos*, resgatando-a e revalorizando-a.

2. Nós a *semeamos*, sistematizando-a com o auxílio das ciências, que nos ajudam na sua releitura.

3. Nós a *limpamos*, com consciência crítica em face da realidade.

4. Nós a *fertilizamos*, criando condições que fortaleçam e fomentem a identidade indígena por meio dos mitos, ritos, crenças, lugares, terra, idioma, símbolos, instrumentos, dança e organização própria.

5. Nós a *cuidamos*, recuperando a memória histórica.

6. Nós *fazemos a colheita*, quando homem e mulher, na comunidade, nos projetamos rumo à nossa libertação.

7. Nós a *amamos*, porque é a vida do nosso povo; por ela crescemos e nos fortalecemos na presença de Deus Pai-Mãe.

### ***III. Estrutura social***

1. As comunidades indígenas temos sido objeto da opressão social e étnica. A partir da invasão de há 500 anos atrás, sofremos a imposição governamental, partidária e eclesial que usa a Bíblia para seus fins.

2. As comunidades indígenas estamos oprimidas nas estruturas sociais em um mundo que pretende uniformizar a todas as pessoas, dentro da economia

de mercado total e de novas formas de colonialismo cultural, que se torna mais violento contra a mulher.

3. Os povos aborígenes temos vocação para a vida, por isso queremos transformar as estruturas econômicas, políticas, sociais opressoras. Nós o fazemos a partir de nossa identidade cultural e de nossas teologias, dialogando com outros povos indígenas e em solidariedade com grupos marginalizados. Assim contribuimos para gerar novas alternativas de sociedade.

4. Por isso os sujeitos deste processo tomamos consciência para caminhar rumo à libertação e fazer nossos projetos indígenas com outros grupos explorados.

- \* Reforçamos nossa resistência e desejo de libertação em nossas teologias indígenas, diante de sistemas de opressão internos e externos.

- \* Fortalecemos a organização indígena, que é dual e complementar.

- \* Revitalizamos a solidariedade entre os povos indígenas.

- \* Lutamos pela autodeterminação.

- \* Usamos nossas linguagens simbólicas.

5. Urge para os servidores internos e externos um compromisso, até as últimas consequências, buscando estratégias de acompanhamento no processo de libertação, dependendo das culturas e da situação do país.

#### *IV. Contribuição cristã*

1. Aprofundar e consolidar nossas teologias indígenas e ir descobrindo os seus esquemas e métodos próprios rumo a um diálogo de profundo respeito com as teologias cristãs e não-cristãs.

2. Rer a Bíblia como uma das ferramentas que amplia a nossa reflexão teológica, reconhecendo que Deus se revela em todas as culturas.

3. A partir de nossas teologias indígenas, o diálogo com as teologias cristãs e não-cristãs pressupõe o despojamento de absolutismos e privilégios, para que nos leve a um verdadeiro enriquecimento mútuo.

4. A contribuição cristã deve traduzir-se também em atitudes e vozes proféticas, para que o diálogo entre as teologias esteja a serviço da justiça, da vida e da libertação.

Esse Encontro foi muito proveitoso para todos. Ainda que os organizadores tivessem algumas dúvidas sobre o ponto de chegada, sobre as conclusões que tínhamos alcançado, ficaram muito contentes, porque, pelo menos, há algumas pistas, algumas indicações para um trabalho profícuo para o futuro.

Há uma preocupação geral com relação à celebração dos 500 anos de evangelização e conquista. Como serão celebrados? Qual o sentido dessas

celebrações? Aqui temos uma pista. Para os índios, em todo o caso, não será uma celebração triunfalista, mas uma celebração de reflexão sobre a resistência que desenvolveram durante estes 500 anos: o que fizeram para se adaptar, para sobreviver. Para os não-índios será um exame de consciência: ver o que foi feito e tirar daí conclusões.

Ventilou-se também, um novo Encontro, antes da celebração dos 500 anos. Procurar articular-se com as várias organizações, nas várias regiões, para começar assim uma discussão e um trabalho novo. No próximo ano, antes de maio, haverá um encontro com representantes das várias regiões, que levarão as contribuições dos diversos grupos, para podermos levar à Conferência Episcopal de Santo Domingo a voz dos índios. Os índios de toda a América não podem ficar calados. Sua voz tem de ser ouvida e ter uma resposta.

## **Anexo**

### ***Carta ao Deus da Vida***

Desde este país dos Mexicanos, dirigimo-nos a ti, *Totatzin Tonantzin*, Deus Papai e Mamãe de todos os povos, para contar-te de nossas vidas.

Do Norte e do Sul, do Este e do Oeste da Ameríndia vimos a este Encontro Ecumênico. Somos indígenas e não indígenas, leigos, pastores, religiosos, religiosos e bispos. Vimos de ilhas e selvas, montanhas e costas, rios e desertos, de nosso Continente *Abya Yala*. Pusemos em comum a *tlaneltoquilis*, a verdade que cremos, isto é, a teologia que temos como comunidades autóctones, como índios.

Começamos esta reunião com uma festa: comunhão de povos, esperanças, forças de autodeterminação. Visitamos a *Tonantzin-Guadalupe* e diante dela compartilhamos dores e alegrias. Depois comemos o que nos presenteias na terra, sinal radical do que desejamos: colaborar na construção de um mundo de irmãs e irmãos.

Damos-te graças, Deus da Vida, por nossa fé, nossos conhecimentos, celebrações, mitos, histórias, como povos indígenas. Os não-índios queremos ser seus discípulos, compartilhando cada qual a sua fé e a sua teologia, rumo à plena maturidade em Deus presente, vivo e atuante.

Durante 500 anos dolorosos, sistemas injustos quase nos esmagaram, mataram a milhões de nós, despojaram-nos de terras e direitos. Mas resistimos, levantamo-nos, trabalhamos e crescemos. É pena que o cristianismo (modelos de Igreja, teologias, liturgias, linguagem) tenha chegado a *Abya Yala* aliado aos conquistadores, destruindo culturas e religiões destas terras. Ouvimos teu chamado à conversão, porque tu nos amas e estás presente em cada povo, em cada cultura. Maria de Guadalupe disse a Juan Diego que Deus cura nossas dores. Hoje, como membros de Igrejas cristãs, te invocamos, Deus libertador, a partir de nossas culturas e histórias.

Tu nos falaste de muitos modos e maneiras através dos séculos e isto é sinal de teu Amor. A muitos povos indígenas serviste como Vida e Força tua Palavra que está na Bíblia cristã. Mas escandaliza-nos e causa-nos profunda dor que essa mesma Bíblia haja sido utilizada, em muitas ocasiões, para apagar tua Vida comunicada em Escritos e Tradições indígenas. Por outra parte, animam-nos documentos, bispos e pastores de nossas igrejas que, inspirados por ti e empurrados pelo povo, nos abrem caminhos para testemunhar tua Presença em nossas culturas.

Dá-nos muita esperança ver que na Ameríndia há experiências muito ricas de trabalho teológico indígena. Este foi um longo caminho e não deixou de ter dificuldades e incompreensões. Não obstante, hoje se alegra nosso rosto e nosso coração, porque, em muitas de nossas comunidades, com suas sábias e seus sábios, com a força de sólidas tradições e reflexão teológicas, lutamos com vigor por nossa terra, iluminamos nossa vida diária e celebramos nossa fé com grande festividade. Nossa alegria é maior, porque cremos que isto é o que tu propões, desejas, impulsionas e amas.

Deus nosso, Pai e Mãe de todos, tu queres que tenhamos Vida em abundância. Isso nos disseste através de Jesus e através das Tradições de nossos povos. Em cada povo de *Abya Yala* tu manifestas parte de tua Verdade, por isso, ao conhecer a fundo nossas raízes, estamos caminhando rumo ao encontro pleno contigo. A vivência da fé em nossas comunidades nos revela claramente a complementariedade de homem e mulher, que não soubemos respeitar e valorizar em toda sua profundidade, talvez marcados pela sociedade dominante.

Agora, Deus da Vida, Senhor da História, tu que estás junto a nós, Fonte de nossa Esperança, uma vez mais constatamos o etnocídio, genocídio e quase desintegração de nossas nações indígenas durante 500 anos. Não obstante, nosso coração se alegra, porque continuamos vivos e cheios de esperança. Sentimos tua presença nas comunidades e na nossa rica sabedoria ao entender-te e amar-te. Comprometemo-nos a ser, como povos indígenas sujeitos de nossa história e de nossa reflexão teológica; a identificar-nos como nações a partir de nossas próprias culturas; a aprofundar nossa solidariedade libertadora nas atuais estruturas de pecado; a fortalecer nossa acolhida à tua Vida plena, à alegria de tua amizade.

*Majquia Moachihua. Amém.*

**Bartolomeu Giaccaria S.D.B.**, desde 1956, vem trabalhando como missionário entre os Xavante. Como resultado de sua convivência e pesquisa publicou (juntamente com Adalberto Heide): *Jerônimo Xavante conta* (Campo Grande, Casa da Cultura, 1975); *Jerônimo Xavante sonha* (Campo Grande, Casa da Cultura, 1975); *Xavante povo autêntico* (São Paulo, Ed. Dom Bosco, 1984). Publicou ainda: *Ensaio: pedagogia xavante – aprofundamento antropológico* (Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso, 1990).

**Endereço:** Caixa postal 07 – 78600 Barra do Garças – MT